



A Revolta



DIRETOR — J. Teixeira
 EDITOR — A. Tavares
 ADMINISTRADOR — A. DA SILVA

Propriedade da Aliança Anarquista

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Rua Sá Bandeira, 11-2.^o
 COIMBRA — PORTUGAL
 Comp. e Imp. MINERVA COMERCIAL
 Rua da República, 73, 75 e 77 — EVORA

A NOSSA MISSÃO

A GUERRA

Lutar ardentemente para intensificar os esforços que em todo o orbe dispendem lucidos pensadores para fazer surgir, na noite tenebrosa que envolve o planeta, o facho luminoso da Revolução Social — unica que integralmente emancipará os escravos do salario, tornando o homem arbitrio do seu destino, — eis em synthese, o que será a nossa obra.

Queremos depôr, dos aureos plintos, **amos e senhores**, fazendo rolar por terra, foragidos como passaros noturnos á luz brilhante da aurora, os potentados de todas as côres, para efetivar a admiravel divisa de Blanqui: —

Nem Deus nem Aмос, —

organizando a sociedade perfeita sobre bases equitativas e profundamente libertarias.

Para isto vimos, aneando libertar cerebralmente a necessaria minoria dos produtores; eles saberão depois, por si, dar o formidavel impulso que fará ruir a sociedade capitalista. E então, nas ruinas do corrompido mundo, desfeitos os perconceitos sociaes, se edificará a sociedade livre porque lutamos.

Não mais Estados ou Religiões

A burla democrata, a feroz oligarquia, sangui-sedentos imperios, hipocritas republicas, tudo terá findado o seu poderio.

Os dominadores do comercio e da industria, contribuirão ao trabalho coletivo sem recolher a parte de lião.

O troár do canhão calar-se-ha, e os ódios internacionaes metamorfosar-se-hão n'um imenso amplexo que entre si os povos hão de dár. Terão desaparecido fronteiras, estandartes, pavilhões. A vida será livre e todos os séres gosarão emfim dos enumeraveis produtos da Natureza.

O mundo será isento da desordem capitalista, dando lugar á fraternidade universal.

A miseria brutal, com suas sanguinolentas garras, haverá cessado de abater legiões inteiras de seres humanos.

A Razão terá purificado o homem e então, sobre o universo em repouso, as estrélas cintilarão intensamente.

Raiará emfim a verdadeira Liberdade, a genuína Egualdade, a pura Fraternidade — **A Anarquia.**

Vimos espalhar a fluxa a semente que, um dia sazoadada, ha de fazer brotar dos sordidos tugurios, dos infectos casebres, das miseraveis cabanas, das profundezas das minas, da escuridade das oficinas, fabricas, de toda a parte emfim, a imensa legião dos escravos que, n'essa dáta, pela consciencia adquirida pela assimilação da **Filosofia Anarquista**, saberão reclamar os direitos de que ha tantos seculos andam excluidos.

Semeamos, como tantos, para vér aumentar, dia a dia, o numero dos que

hão de formar a impetuosa corrente que ha de derrubar as montanhas de preconceitos desta sociedade, o ciclone que ha de destruir toda a podridão sobre que vegetamos.

E a semente ha de germinar, porque é pura e sã.

Queremos vér por terra os trônos, terminada a infame exploração do homem pelo homem. Queremos sér livres e não escravos. Tentamos quebrar as algemas que nos impozeram os governantes, porque queremos a Liberdade, e a liberdade não admite **Amos, Senhores, nem Patrões.**

Vimos lutar pela Anarquia, porque ela é o sol que ilumina o nosso cerebro, a visão grandiosa que alenta nossos peitos.

Ante ela, ruem cercas, falsas filosofias, acomodatias moraes; tombam com fracasso potentes trônos, sólidos imperios, consolidadas republicas. Ante ela, ruem, para não mais se levantarem, ergastulos aviltantes, tetricos patibulos, imundos lupanares.

E' o raio que ha de fulminar os tiranos, o vulcão cuja lava destruirá a casta parasitaria.

Pela Anarquia lutamos, vindo espalhar a fluxa a semente da sua filosofia, esplendente ideal, que alastrando pelo mundo, ha de proporcionar a todos os seres humanos, a triologia sublime, Pão, Terra e Liberdade.

**Avante pela Revolução Social!
 Viva a Anarquia!**

Traços de fogo

“O Trabalho é honra e é brio....”

Fazer subjugados ao patrão, sem mostrar jámais o sentimento de Revolta; consentir, sem uma palavra de protesto, a mais torpe exploração; sorrir aos maiores abusos, mostrando-nos sempre docéis ao jugo capitalista; mostrar boa cara ante os maiores sofrimentos; como: permanecer no sub-solo tenebroso onde o Grisú se acumula ominosamente, onde os desabamentos transformam a carne humana em farrapos; desfazer-se ao calor dimanado pelas fauces hiantes dos altos fornos; aventurar-se corajosamente sobre os oceanos para satisfazer a codicia dos armadores e aumentar os interesses dos milionarios; asfixiar-se nos fornos de cãl, nas minas de enxofre; trabalhar a terra sob a chuva e a néve, ou sob os ardentes raios do sol, sofrer passivamente tudo isto, afim de não morrer de fome, — eis o trabalho que os não-trabalhadores nos constragem a admirar e a defender.

Ha muitos anos, ha seculos, que o trabalho é santificado, — por palavras, nunca em facto, — pelos senhores, pelos burguezes. O trabalho é honra, dizem os moralistas d'esta sociedade, casta, inteligente e astuciosa. Com efeito o Trabalho é a virtude, a honra... O Trabalho é o balsamo puro que vivifica a Humanidade.

Mas porque diabo os ricos não trabalham nunca?

SATAN.

Proibem os codigos a industria do roubo impondo penalidades severas aos individuos que déla façam uso, mas permitem a guerra, — que é o roubo e o morticínio legais — quando, afinal, entre estas duas industrias não existe diferença alguma de substancias.

A guerra, segundo o principio que a informa, em substancia, é o morticínio organizado, friamente premeditado, cautelosamente legalisado com uns vernises de civilisação. Os planos guerreiros d'hoje em nada diferem dos das epochas proximas da barbarie e semelhantemente o fim é o mesmo: em nada se diferencia das hecatombes primitivas; e apenas as armas, mais aperfeiçoadas e mais mortíferas, são de efeitos mais rapidos e decisivos.

Hoje, em pleno seculo XX, como nos tempos de Carlos Martel, a guerra é uma monstruosidade, e uma prova ineluctavel de que o homem cedendo a personalidade á animalidade, se transforma uma fera sanguinaria insaciavel, que não se comove ante esse espectáculo, horrivelmente dantesco, ante seus olhos desentrolado ao natural, sobre uma grande tela.

Membros mutilados, cabeças decepadas, corpos esfacelados, eis os despojos da guerra em nossos dias!

A peste devastando povoações, a fome assolando países, a miseria batendo a todas as portas, eis as funestas consequencias da guerra!

A orfandade, a viuvez, o luto, a desolação, eis os resultados da guerra!

Odios, ambições, emulações, eis o produto dessa luta furiosamente louca, em que os povos da velha europa, como um oceano revolto de odios e ambições, se trucidam mutuamente, desapiedadamente. Os barbaros do norte atravessam o Rheno em quanto que os *humanitaristas* das margens do Sena e do Tamisa, erguendo ao vento as flamulas guerreiras, aclamam delirantemente o troar do canhão e a fusilaria das mausers.

Operarios dos países beligerantes que nada lucram com a guerra, quer sejam vencidos, quer sejam vencedores, que nenhum interesse teem na carnificina, que nenhum agravo receberam e que jámais se viram, de baioneta calada, assassinam-se a sangue frio, como se um odio mortal, implacavel, os impelisse para o matadouro humano.

A guerra, encarada sob qualquer ponto de vista, é sempre, no tempo e no espaço, altamente prejudicial ao trabalhador, que é, em geral, quem se bate por uma causa que não é a sua, mas antes a de individuos cujos interesses são diametralmente opostos aos seus.

Após as primeiras declarações de guerra e a invasão da Belgica pelos exercitos tudescos, não lhe compreendendo o alcance, muita gente bateu palmas de aplauso pelo gesto humanitario da Ingla-

terra, collocando-se ao lado dos seus aliados.

Era, porem, reservada e interesseira a intervenção oportuna da Gran Bretanha collocando-se ao lado dos mais pequenos e, por consequencia, menos belicosos.

A Inglaterra não entrou na luta pelo simples prazer de ver respeitada a integridade da Belgica, da mesma forma que o incidente de Sarajevo serviu de pretexto á Austria, espicaçada pela Alemanha, para declarar a guerra á Servia. Atribuir á Inglaterra uma participação desinteressada, é um erro crasso, palmar e grosseiro.

O interesse da Inglaterra, está demonstrado por um diplomata que teve uma curiosa conversação com um redactor do diario *The Standart* publicada neste jornal, da qual transcrevemos os periodos que seguem:

A Alemanha não tem agora vida commercial.

A Inglaterra, depois de breve suspensão, proseguir na sua; e ha-de aumentala com a clientela da Alemanha.

A Alemanha bem sabe, como o sabe toda a gente, por que o senso comum e pratico não é patrimonio exclusivo dum só pensador, a Alemanha sabe que a vida commercial é o pão dos povos.

O interesse da Gran-Bretanha é aniquilar a concorrência que a Alemanha lhe faz em todos os mercados do mundo, no que concerne á industria, ao comercio e á navegação.

A guerra actual é uma guerra de commerciantes, de industriais e de boucos.

A Inglaterra estende o seu poder naval atravez dos mares para dar caça, como pirata, á marinha mercante alemã; o Japão, de acordo com a sua aliada, retoma as ilhas que a Alemanha havia roubado á China para as restituir á primitiva dominadora a troco de uma zona de influencia commercial; a Russia com os seus exercitos de ferro, a Russia siberiana, a Russia de Stolipine e dos cossacos, a Russia autocrata, despótica e czaresca, para vergonha do nosso seculo, bate-se em nome da *Humanidade* por uma causa *sagrada!*

Que interesse tem o povo trabalhador, o bode expiatorio dos detentores do poder, o povo que geme e sofre, em bater-se, em acutilar-se, em assassinar-se por uma ficção ou por uma abstracção?

Evidentemente, nenhum!

Mas o povo, afogado na ignorancia pela religião, entusiasma-se, electrisa-se, dinamitisa-se, ante os acordos marciais do hino nacional; e quando os estridulos canticos das canções guerreiras lhe ferem os timpanos, incendeia-se-lhe dentro do peito, incandescente, a *sublime* pira patriótica.

A Juventude, generosa sempre, irreflectidamente e sem lhe compreender o alcance originario, amortalha-se nas primeiras emoções provocadas por um sen-

O que querem os anarquistas

Origem da anarquia

Os elementos intellectuaes do anarquismo, ou melhor, os anarquistas que possuem uma elevada cultura, quer seja por terem pertencido á classe privilegiada, quer pela sua grande dedicaçao ao estudo, estão em absoluto accordo e no campo da verdade, ao afirmar que a origem da Anarquia não procede dos homens de ciencia nem até da propria ciencia, mas tam somente das necessidades de ser completamente livre sentidas pelo homem ao ser escravizado e explorado por outros homens, em nome duma sociedade que impõe leis, que se apoiam nas Mausers dos soldados, para fazer acatar as suas decisões despoticas.

Antes que alguns homens de ciencia iniciassem o movimento de sociologia que veio robustecer o ideal anarquista com argumentos de grande valor e duma precisão matematica, existiram homens de escassa cultura, pertencentes ao povo, que propagavam a rebeldia aberta, contra os governos, contra as leis e contra toda a classe de autoridade que se opoe na força, declarando a liberdade individual como ideia primordial dos homens.

E' indubitavel que a definição científica e filosofica da Anarquia ajudou poderosamente a abrir a clareira por onde a luz do ideal se estende, servindo de arma de combate nas discussões sustentadas em jornaes, em ateus, em centros de cultura, contra os pseudo-cientificos e contra os intellectuaes que pretendiam defender a classe privilegiada com argumentos dogmaticos e anti-naturaes, ajudando tambem o desenvolvimento mental dos anarquistas, tidos até então por incultos, dando-se hoje, em virtude desse desenvolvimento, frequentes casos em que simples trabalhadores, entusiastas do ideal, armados com os seus conhecimentos scientificos, discutem vantajosamente com os intellectuaes burguezes, conseguindo ruidosas victorias sobre os seus adversarios em materia de sociologia.

A falta de conhecimentos filosoficos não pode supor de forma alguma a não assimilação da ideia libertaria. Um trabalhador rude, sem possuir a mais pequena instrução, pode conceber perfeitamente o ideal anarquista, lutar por ele e defende-lo em todos os terrenos sem que se o possa ensinar, não só conhecer os principios fundamentaes do anarquismo científico.

A Anarquia não é só humana e positiva, é claro, e por isso adaptavel a todas as mentalidades, por representar um ideal libertador que está até encarnado na mentalidade d'alguns animaes inferiores.

Para ser anarquista basta que o individuo dê o verdadeiro valor á sua personalidade, que tenha um principio de dignidade e que possua um sentimento justo e humano. E se combinarmos estas qualidades moraes no homem, com as necessidades materiaes da vida, veremos quão facil é para um simples trabalhador, conceber o ideal anarquista.

Apesar disto, muitos ha que julgam que para ser anarquista, para combater toda a classe de autoridade e de exploração, se necessita um estudo completo e consciencioso da questão social, imaginando o nosso ideal como um problema arduo e complicado o qual tam só podem chegar a compreender os chamados homens de ciencia.

O que podemos dizer é que o prejuizo d'estes e a ignorancia d'outros tem feito que a Anarquia não seja mais conhecida e difundida entre os homens, sendo um verdadeiro fantasma para muitos.

Bases da Anarquia

A Anarquia representa a liberdade completa do individuo, sem lhe negar nenhum direito, quando este não prejudique a liberdade dos outros individuos. Concebe-se assim a sociedade futura como um conjunto de homens inteligentes, dignos e enamorados da sua propria personalidade, mudando a vida tormentosa de hoje num viver de amor e harmonia.

Os anarquistas querem a completa liberdade em todas as suas manifestações. Livre o trabalho; livre o amor; livres as riquezas naturaes; livre a terra, tudo enfim, para gosar, para produzir, para lutar contra os segredos da Natureza, a unica luta dignificadora que poderá aceitar-se na sociedade futura.

Os anarquistas querem a abolição de todo o governo, de toda a autoridade, de toda a imposição, de toda a força opressora, para deixar o homem completamente livre, para dar-lhe oportunidade de desenvolver as suas proprias energias, para que seus atos e suas obras sejam produto da sua espontaneidade, em vez de ser o fruto da escravidão, como acontece na actual sociedade. E mais que tudo, para respeitar a liberdade do individuo, para não violar as suas intenções e as suas

ideias, o que deve ser considerado como a base fundamental duma sociedade harmonica e justa.

Queremos anarquistas abolir todo o privilegio, negando o direito á propriedade privada, ao capital, ás riquezas usurpadas, por considerarem estas propriedade de todos os homens, já porque todos sentimos a necessidade de disfrutar d'elas já porque todos participamos na sua produção, dando cada individuo o seu esforço pessoal.

Querem abolir as leis por representarem estas a exploração e a autoridade, carecendo de toda a noção humana e dignificadora e violando os atos livres dos homens.

Querem abolir os exercitos por entenderem que são o apoio fisico da sociedade actual, defendendo a injustiça, o roubo e a mentira, crendo firmemente que os homens podem viver harmonicamente e com equidade sem necessidade de forças armadas, que simbolizam a opressão brutal e o rebaixamento da especie humana, sendo instrumentos de ambição e um factor da morte.

Querem abolir a moeda por entenderem que é uma das principaes causas das lutas humanas, fazendo sofrer aos homens, sem que traga nenhuma utilidade o metal empregado em indicar o roubo legalizado, propondo a troca de produtos, sem que um tenha mais valor que outro, considerando que tudo o que se produz na terra constitue igual necessidade para os homens.

Querem os anarquistas abolir igrejas e religiões, por entenderem que são um obstaculo para a justiça humana, já que os fanaticos crentes preferem ser escravizados na terra para gosar a liberdade no céu. Mas entenda-se bem: a abolição destes antros de corrupção e de mentira, faz-la-ha a mentalidade humana, isto é, serão abolidos quando ninguem tenha interesse ou julgue tel o em frequental-os.

Em uma palavra: nós, os anarquistas, queremos abolir tudo o que escraviza; tudo o que degrada; tudo o que estorva, sem deixar em pé nenhum pilar dos que sustentem a sociedade burgueza, porque a experiencia das revoluções passadas nos ensina que a liberdade a meias é ficticia, e que ao deixar um atomo de autoridade ou de exploração isso é faulta que reacende o fogo da ambição, da vaidade e do orgulho.

Por isso dizemos, os anarquistas, que queremos destruir, mudar, todo o existente para que o campo humano fique completamente purificado, para que as ideias novas possam florescer louçans e formozas nos cerebros dos homens, para que a liberdade seja a fim completa e verdadeira.

Quando penso em todos os males que tenho presenciado e sofrido, provenientes de odios nacionaes, digo comigo mesmo que tudo isso repousa sobre uma grosseira mentira—o amor da patria!

Conde Leão Tolstói.

Acción Anarquista

Em Madrid (Espanha) acaba de se constituir um grupo assim denominado que se propoe levar á pratica a publicação dum jornal para difundir os principios libertarios.

O primeiro numero deste periodico apparecerá no dia 13 do corrente dedicado á semana sangrenta e ao tragico assassinato do anarquista Francisco Ferrer. O primeiro numero será extraordinario, publicando-se em grande formato e ilustrado, com colaboração dos mais conhecidos militantes do campo anarquista.

Seja bem vindo o novo campeão da Anarquia.

Santos Pinho

Cedendo ao pedido que lhe foi feito pela Aliança-Anarquista, este nosso amigo e camarada exercerá o cargo de redactor principal do nosso orgão.

Previnem-se os camaradas de Lisboa que todos os assuntos referentes ao nosso jornal devem ser tratados naquela cidade, com o camarada Pinho, Rua da Bempostinha 33-1.º-Esq.º

A miseria dos trabalhadores provem d'elles serem forçados a produzir para uma multidão de parazitas, que tem sabido roubar a melhor parte, do que estes produzem.

Jean Grade.

A MENTIRA PARLAMENTAR

Em 29 de Julho, fazia a **Capital** orgão do Governo, as seguintes afirmações, no seu artigo de fundo:

A crise que se manifestou foi a crise parlamentar, e esta crise existe desde a formação dos partidos. A divisão das forças parlamentares, em consequência da criação de esses partidos, estabeleceu-se por tal forma, que nenhum d'elles ficou com maioria sobre os outros nas duas casas do Parlamento. E' d'all que vem todo o «gâchis» politico em que a Republica se tem debatido, e que produziu a situação de fevereiro, a qual seria insolvel se não se tivesse formado o gabinete do sr. Bernardino Machado, de caracteristica extra-partidaria.

Para acabar com esse «gâchis», para remediar essa crise, não ha senão um meio: as eleições. Só o Paiz pode resolver essa situação, revelando a sua vontade e mostrando assim qual é a corrente mais poderosa da opinião publica. Para o lado que ella favorecer irá a força necessaria para governar, segundo as boas normas parlamentares.

O remedio não está nas dictaduras, o remedio não está nos «pronunciamentos», ou nas sedições. O remedio está na legalidade. E remedio está na soberania do povo, expressa nas urnas do sufragio.

E' assim que ha de acabar a crise parlamentar, e assim que se restabelecerá a tranquillidade portugueza, dentro da legalidade republicana, e, por isso, o governo, com a nova lei ou com a antiga lei, conformes as circumstancias parlamentares o permitirem, vai convocar os collegios eleitorais para que a Nação se pronuncie, pronunciando um «verdictum» ante o qual todos os partidos terão de se curvar.

No fundo, está nessas palavras a conõssão da mentira parlamentar.

O primeiro parlamento republicano deu partes iguais á cada partido porque não foi feito por um partido unico governante, mas por uma amalgama de facções e tendências diversas ainda indistintas.

E' preciso, pois, que novas eleições deem a victoria a um partido, isto é, ao partido que tenha maiores simpatias, influências e combinações com o governo, que disponha de maior numero de governadores civis, administradores do concelho e caciques. Assim se manifestará a «soberania do povo, expressa nas urnas do sufragio», bem pouco universal entre nós.

Normalmente, um parlamento deveria ser retalhado em muitas facções, pouco desiguales em força, pois um país, ou antes, os que nele tem ideias, poucas ou muitas, acham-se divididos em muitos grupos, não só quanto ás questões gerais, mas quanto a cada questão particular.

Mas assim não seria possivel governar, não poderia funcionar o parlamento, seria, como diz a **Capital**, a «crise parlamentar» permanente. A facção parlamentar tem que ser ficção em todos os seus pormenores, engrenagens e modalidades: se lhe falta um bocadinho de mentira que seja, a caranguejola range, desconjuncta-se, vai a terra.

Por isso se formam os «partidos de Governo», com uma disciplina ditada pelas conveniencias do mando e da Gamela, sujeitando individuos e ideias ao interesse fundamental do partido: a conquista ou conservação do poder. Por isso o «poder executivo», senhor da maquina administrativa, faz o «poder legislativo» á sua imagem e semelhança.

Não basta estarem os pobres, no campo eleitoral, sujeitos aos patões e aos politicos, aos senhores do poder, da influencia e da riqueza, aos dispensadores de trabalho e de favores.

Não basta serem os eleitos membros da classe rica e dominante, ou ingressarem em breve nella, ou sofrerem em breve a sua influencia e corrupção.

Não basta a compra de eleitos efetuada pelo governo e pela alta burguezia industrial e financeira, sobretudo onde esta se acha desenvolvida.

Não basta a incompetência enciclopédica do parlamento, tomado em globo, sendo cada assunto (que não seja politiquice partidaria) discutido e resolvido por uma maioria de incompetentes.

Não basta a impotência reformadora do parlamento em tudo que toque os interesses das classes dominantes, que só encontram resistencia efetiva e eficaz na acción organizada dos espoliados e oprimidos.

Não basta a influencia deletéria da acción eleitoral e parlamentar, levando as massas a confiarem numa providencia legal e a abandonarem a organização e a Accção Direta.

Sobretudo nos países de opinião publica pouco desenvolvida, o parlamento é fabricado por um partido no ministerio do interior; e não o sendo, não funciona.

Ai está a «vontade do país», a «soberania do povo», a «legalidade» — como dizem, com bem fingidas aparências de seriedade, os jornaes de governo. Ai está como se exprimem, num «veredito» inapelável, as urnas do sufragio pouco universal.

NENO VASCO.

A politica é um dos maiores inimigos dos trabalhadores.

Escravos do capitalismo, ins-trui-vos se quereis ser fortes.

timentalismo piegas; e, bimbalhando o seu desinteressado amor patrio, corre de braços abertos para a chacina cavada a seus pés pelo interesse dos seus exploradores, representantes genuinos do deus-milhão, horda de insaciaveis crisofilos! Maldição! Maldição!

Que nesta hora de dor e luto, sobre as testas coroadas, que arremessaram os povos para a maior matança de que no futuro resáia a historia, caíam os anatemas proferidos pelas mães, pelas esposas, pelas noivas, pelas filhas, pelas companheiras dos soldados imolados em holocausto aos designios criminosos de um caquetico idiota e de meia duzia de déspotas reinantes e detentores do poder!

Que sobre a cabeça de todos os déspotas que impeliram os povos para a conflagração europeia, a civilização moderna que, com a Revolução Social, vai resurgir dos escombros da derrocada, redimindo a Humanidade, larce, como um anatema, sobre os tiranos, uma palavra apenas:

Maldição! Maldição!

Gulpilhaes, 1914

GIORDANO BRUNO.

A Guerra é uma consequencia natural da ambição dos capitalistas.

Ser partidario da Guerra é servir os interesses capitalistas em detrimento dos seus.

A Evolução Social

O processo da evolução é do individuo á federação, da cidade á nação, do direito privado ao direito das gentes. A era das nacionalidades está acabada ou a acabar; os Estados disputam-se os confins e a hegemonia politica e comercial. Necessita-se de constituir as unidades sociais e definir as relações das gentes; o novo direito publico encaminha-se para a abolição da propriedade.

O Estado cederá o lugar ás associações de trabalhadores e ás suas federações. A Comunidade primitiva reviverá, completada e integrada na comunidade da nova era.

A evolução social chegará a essa méta.

Não são, pois, o Socialismo e a Anarquia invenção de espiritos inquietos ou sonhos dementes enfermicos, como a alguns se afigura; são o resultado necessario da evolução social.

A luta pela existencia, diminuida pouco a pouco desde os tempos prehistoricos até hoje, deve desaparecer com um principio ético ou moral superior, com a Associação Livre e Universal, fundada na coletividade de bens e na igualdade de condições.

S. MERLINO.

Nodia em que os trabalhadores de cada paiz compreenderem claramente que seus verdadeiros inimigos são os capitalistas que os conservam na incerteza do dia seguinte, no excesso do trabalho, na miseria e na ignorancia, a Revolução Social será um facto.

Do natural

- Meu senhor, dá-me uma esmola?
- Não pode ser.
- Dê, meu rico senhor, porque tenho minha mãe doente, e meu pai sem trabalho.
- Mas porque é que teu pai não tem trabalho?
- Foi por ficar impossibilitado na officina que jamais tornará a poder trabalhar.
- Quantos anos tens?
- Quinze, meu bom senhor!
- Então tu com essa idade, pedes esmola!
- Peço, porque já fui pedir trabalho a uma fabrica e não me deram.
- Olha, á tarde vai a minha casa, que será bom para ti e para teus pais.
- E o burguez, pensativo lá foi andando...

(CASERIO.)

Contra a Carestia da Vida

AGITAÇÃO OPERARIA

Neste momento tragico e doloroso, em que quasi todos os povos da Europa se trucidam canibalescamente na maior e mais barbara carnificina que a historia nos regista, arranjaram os comerciantes, essa cafila infame de exploradores, o pretexto de aumentar os generos que mais necessarios são á vida do trabalhador.

Que lhes importa a eles que o povo estale de miseria e de fome?

Nos seus armazens estão acumulados os vivêres mais necessarios á vida do povo, para vender a quem mais dêr em manifesto prejuizo do povo faminto e escravo, aquele que tudo produz em proveito duma burguezia insaciavel e feroz; que escudada nas mausers da soldadesca, ignara; e no sabre policial, pretende agora reduzir á fome a grande massa proletaria, que tudo produz e nada possui.

Já não é só a crise de trabalho que dia a dia vai avassalando a classe trabalhadora, é tambem a paralisação das grandes industrias que vai arremessando um novo contingente de operarios para o numeroso exercito dos **Sem Trabalho**.

O povo ficará reduzido á mais negra situação, se com a sua ação enérgica e decidida não colocar um dique á cruel ambição dos açambarcadores.

A classe operaria do Porto, já fez ouvir a sua voz potente e vigorosa, contra os seus exploradores, saindo á Praça publica clamar bem alto a sua revolta contra os governantes, que estão fazendo causa comum com os causadores da miseria do povo.

Ouve colisões com a força armada, havendo ferimentos e mortos da parte do povo, produzidas por aqueles que tentavam esmagar com a razão da força o grito de Justiça do povo roubado.

Os protestos do proletariado contra a carestia da vida, continuam por todo o paiz com mais ou menos intensidade, sendo de crer que os acontecimentos do Porto tenham a sua repercussão em todo o paiz, pôndo assim em debandada os açambarcadores que aumentam os generos com o intuito mesquinho e infame de roubar o povo, para mais rapidamente enriquecer.

Em Coimbra, embora que platonicamente, já a voz de protesto da classe operaria se fez ouvir contra a vil exploração comercial, realisando-se na sede da União Geral dos Trabalhadores, duas importantes reuniões publicas a que assistiram centenas de operarios.

Para fazer calar a voz do povo, afogando-a em sangue, ordenou o governadôr civil, no dia das reuniões que o exercito fosse posto de prevenção, mandando cercar a União Geral dos Trabalhadores por forças de infantaria, guarda republicana e policia.

E são estes cabotinos da democratica cordealidade que nos andam a businar aos ouvidos com o **patriotismo!**... Que a classe operaria se reveja nestes exemplos; e, oxalá que o seu despertar agitado lhe sirva de incentivo para futuras lutas.

RAVACHOL.

A GUERRA

Não ha nada mais infame

CONZOBERT.

Amigos da guerra!... Pois ha d'isto? Ha: ha de tudo neste mundo sub-lunar.

E enquanto a instrução não alumiar o cerebro da grande maioria, o que ha de haver mais frequentemente são, ilusões e erros.

Os tres maiores flagellos, que teem assolado o mundo são a Fome, a Péste e a Guerra.

Qual é maior? Qual é pior? O pior parece-nos sempre aquele, cujos horrores chegam ao nosso conhecimento em ultimo lugar. Mas se refletirmos, depois de lançarmos uma vista de olhos pela historia, acabaremos por convencer-nos, que se a fome é medonha, e a péste lhe não é inferior, a guerra parece o pior; pois no cortejo funebre das suas victimas veem sempre desgraçados, que os outros flagellos não mataram. A Guerra, em regra, faz se acompanhar da fome e da péste.

E depois quem são os mais feridos, os mais despedaçados, os que ela mata em maior numero? são os **inocentes**; isto é, são os pobres soldados que não fizeram mal a ninguem!

E tem amigos a guerra, o facto bruto da guerra, a guerra simplesmente como destruidora da Humanidade, a guerra para limpar a arvore humana que tem folhas de-mais! Que a defenda este ou aquele militar, por errada compreensão da sua missão, explica-se, mas que o façam de **boa fé** escritores de outras classes, parece incompreensivel.

Os tormentos de uma pessoa só, injustamente condenada, podem alarmar uma cidade, acender a Revolução n'um paiz e até escitar o mundo inteiro: a morte violenta de tantos desgraçados, quantos caem sob as balas dos exercitos, ou sob a pata dos seus cavalos em correrias guerreiras, não só não incomoda, mas chega a constituir motivo para glorificar os que dirigiram tão horrivel atrocidade!

A perseguição de Dreyffus, considerado quasi por toda a gente um **inocente**, fez vibrar de indignação quasi todos os corações. Quem não olhasse com desprezo os tribunaes militares francezes, era incapaz de sentir o culto intimo da Justiça.

As victimas da guerra contam-se por milhões, por milhões as familias atormentadas, por milhares de milhões os flagícios que á Humanidade tem trazido tão medonho flagelo!

E ha-de bem dizer-se a guerra, e ha quem a defenda sinceramente!...

Porque provocou a questão Dreyffus tamanha indignação? Porque a mentira, a perversidade, a podridão e o crime deram-se as mãos, e envergando as vestes augustas da justiça, e invocando refalsadamente os sagrados interesses da patria, pronunciaram contra o **inocente** uma sentença infamante.

Pois quando um governo, invocando falsamente o nome da patria, obriga milhões de inocentes a por-se á frente das balas, que milhões de outros, que eles vão espingardear, lhe não de disparar, resultando d'esta ordem homicida, centenas de milhares de mortos, não constituirá isto uma das maiores iniquidades que se podem cometer?

Não é um homem o soldado? Não tem tanto direito á vida como os outros? Não é tão sagrada a vida d'ele, como a de qual-quer?

O monstro da guerra, que te alimentas com a carne dos corpos dos nossos paes, dos nossos filhos, dos nossos irmãos; que não só vives de matar, mas matas por gosto, pois que a morte é a tua vida, os tormentos a tua alegria, o sangue derramado o liquido que te dessedenta; haverá horror mais profundo, que o que tu inspiras, ó monstro da guerra!?

CEZAR DO INSO.

O militarismo é o mais perigoso inimigo da Humanidade. A sua disciplina é a negação completa da liberdade.

O nosso Sindicalismo

Os anarquistas individualistas reprovam e combatem o sindicalismo: **nós não fazemos côro com eles.**

Os sindicalistas corporatistas querem rodear o sindicalismo por uma alta muralha da China, asfixiando o corpo social num espirito estreito fomentador de rivalidades entre as varias profissões.

Regeitando os complementos duma agitação integral eles amesquinham egoisticamente o Sindicalismo: **nós não os seguimos tampouco.**

Os individualistas, desprezando o povo e elevando o *individuo*, equivalem-se, pois deixam de reconhecer a verdadeira força revolucionaria das massas insurgidas.

Os corporatistas proclamam que o *Sindicalismo se basta a si proprio*. Nada se basta a si proprio: tudo é solidario nos esforços dos oprimidos para se libertar da dominação politica e da exploração capitalista.

Os anarquistas individualistas são anti-revolucionarios, pois que, inconscientemente, se tornam conservadores das instituições monstruosas de que o homem é a vitima. Eles declaram que, para que as instituições caduquem, é necessario, primeiramente, que os homens se transformem. Nós lhe objectamos que para que os homens se modifiquem, é preciso, — paralela e simultaneamente — que eles agitem pela revolta contra as instituições para que elas baqueem. Nós afirmamos, com a historia, que a ação revolucionaria das multidões desempenham uma influencia de educação moral superior á que poderia fazer um seculo duma dolente tranquillidade.

Os nossos austeros corporatistas são, embora afirmem o contrario, reformistas legalistas, querendo avançar passo a passo, *cahincaha*, rolando sobre o passeio que corre ao longo da estrada do parlamentarismo sindicalista. Porque, com effeito, ele ha um parlamentarismo sindicalista, como ha um parlamentarismo politico. Basta observar com atenção como se constitue uma maioria n'um congresso.

Os ultimamente realizados são duma eloquente revelação.

Resulta pois do que procede:

1.º — Que os anarquistas individualistas, não admitindo a Revolução Social feita pelo povo nada teem de comum connosco.

2.º — Que os sindicalistas corporatistas restringindo-se cada vez mais na estreiteza duma concepção dum ideal gasto, fazem subsistir as mesquinhezias, as rivalidades entre as classes mais ou menos qualificadas.

Por outro lado: perdendo de vista o carater integralista que deve ter a Revolução Social e a necessidade de conformar os meios de propaganda com o fim em vista, eles, desprezando o espirito de revolta, factor poderoso de reivindicações, encaminhando-se infalivelmente á imobilisação das forças operarias, pelas enganosas ilusões de consideraveis efetivas ou de avultadas somas.

3.º — Que de todas as tendencias a dos **Anarquistas-Comunistas-Revolucionarios** é a unica que assenta sobre o verdadeiro terreno da luta sindicalista, chamando a si todos os seres que soffrem moral e materialmente as instituições criminosas que nos dominam e demonstrando que a Insurreição Expropriadora é o principal factor de transformação social.

PIERRE MARTIN.

Aos camaradas

O nosso jornal, como sabem, para se publicar exige despezas constantes e regulares. E se o auxilio monetario não fôr por igual constante e regular, a suspensão torna-se inevitavel, mais tarde ou mais cedo.

Para evitar que tal aconteça, rogamos um pouco de boa vontade da parte dos nossos agentes, enviando-nos até á proxima segunda feira o produto da venda. A todos os camaradas a quem enviamos tambem listas de subscrição voluntaria, pedimos que assim que arranjam donativos nos enviem na volta do correio.

A um camponez OS HORRORES DO MILITARISMO

Emancipa-te a ti mesmo; conquista com os teus esforços, com a tua energia e com a tua intelligencia tudo o que contem as tuas aspirações e será coroado com o bom exito.

Quando entre ti aparecer qualquer politico a falar-te ao coração com promessas, nas quaes se encerre todos os teus desejos, escarrega-o, elimina-o do teu seio porque ele intruja-te, ele simplesmente quer governar-te, quer lançar sobre ti as enormes contribuições que sustentam essa numerosa cáfila de **Militares, de Padres, de Magistrados, de Patrões, de Empregados Publicos e de Deputados.**

Conta contigo, unicamente contigo e com os teus camaradas para conquistar a Terra, para a cultivar livremente e para distribuir as colheitas por os trabalhadores da cidade que em troca te darão calçado, fato, casa, mobiliario, enfim tudo o que necessites, sem que o expendio das tuas forças seja exorbitante.

Queres saber como o poderás fazer? Associa-te com os outros trabalhadores; combina com eles nunca mais pagarem impostos; nunca mais entregarem as colheitas aos vossos **amos** e não se sujeitarem ás ordens tiránicas da **autoridade.**

Converte, depois em factos as combinações e verás como a felicidade entra no teu lar.

Reconhece-te um homem com direito a viver na paz tranquila d'um trabalho livre e recompensado.

Reconhece-te com o natural direito de satisfazeres todas as necessidades da vida.

E acima de tudo educa-te para conheceres o dever sacrátissimo de nunca seres nocivo aos teus semelhantes.

Se dormes desperta e ouve.

E' o clarim da Revolta repercutindo de val em val as vibrações suggestivas da Solidarietà Operaria.

Desperta! Ergue a frente e com arregadas convicções ou por instinto natural, d'uma necessidade insatisfeita, conquista o teu bem-estar que consiste n'esta sublime trindade:

Pão, Terra e Liberdade!

UM ANARQUISTA.

Aos Grupos

A todos os Grupos e camaradas a quem enviamos pacotes d'A REVOLTA para procederem á sua venda, pedimos caso o não queiram fazer de nos devolverem os respectivos pacotes antes da saída do proximo numero.

Extraímos d'um diário burguez espanhol:

«Um francez residente em Biarritz, recebeu uma carta de um irmão seu que se encontra nas fileiras militares ao Norte da França, em que diz que milhares de cadaveres se encontram espalhados pelo campo de batalha e como os soldados não dispõem de tempo para os enterrar, dá logar a que eles deitem um cheiro horrivel, chegando ás vezes a fazer esmorecer os combatentes. Algumas vezes — diz —, temos que dormir sobre os corpos putrefactos. Estes encontram-se debaixo dos colchões, entre montões de palha e dentro das casas que foram abandonadas depois do saque a que se entregaram os alemães. Nuns pequenos bosques que teem uns 120 metros quadrados, as tropas francezas, no dia em que escreve a carta a seu irmão, realizaram 350 enterramentos de cadaveres já em estado de decomposição.»

E é para estas e tantas outras barbaridades que os assassinos agaloados arrancam os filhos ao lár materno, e nós, os anarquistas que lutamos para que o povo educando-se extirpe esse cancro social, o Militarismo, geradôr de todas as cruéis carnificinas guerreiras, é que somos perversos e criminosos.

Mães, os anarquistas querem a paz, o militarismo quer a guerra, pois essa é a sua razão de ser. Guerra contra os de fóra e contra os de dentro, os trabalhadores.

Os anarquistas procuram com a sua propaganda levarem os homens a amarem-se como irmãos, o militarismo tem por missão levar os homens a odiarem-se canibalescamente. O anarquismo quer a vida, mas a vida livre, o militarismo quer a morte e a escravidão.

Mães, para vós apelamos.

Ensinae do berço vossos filhos a amaldiçoar o militarismo e a guerra, como é vosso dever, para que eles mais tarde, quando homens e os queiram arrastar á caserna, á guerra gritem junto connosco:

Abaixo a Guerra!

Viva a Anarquia!

REVOLTADO.

A Sacristia, a Bolsa e a Caserna, são tres antros associados para vomitar sobre as nações as trevas, a miseria e a morte.

Bianqui.

A Gréve Geral

Quando os trabalhadores com uma educação perfeita e completa puderem realizar a greve geral, a revolução social será um facto então; nada a poderá deter. A burguezia cederá campo ao proletariado. A finança eclipsar-se-ha perante a plébe, poderosa pela força da educação que a ha-de emancipar integralmente.

Os governos, forças tenebrosas e mortaes, serão dissolvidos pelo pensamento creador dos salarizados. A' desordem capitalista, ao egoismo proprietario, aos maleficios ou á inutilidade da policia, á brutalidade da guarda republicana, á crueldade inutil da magistratura, ás carnificinas dos exercitos terá succedido a verdadeira ordem social — **A Anarquia.**

Quando, pela educação dos que pensam, a greve geral se realizar, ela demonstrará uma coisa: a não inferioridade da classe operaria durante tanto tempo explorada pelo tirano de cima e pelo senhor de baixo. Os escravos da officina, os explorados do atelier, os forçados da manufatura, os ilotes do campo, d'esta maneira livres e solidarios, terão despedaçado para sempre a golilha secular, golilha presa ao seu pescoço pela ignorancia de uns e pela selvajaria dos outros; sangrenta algema forjada pela Igreja e pelos Estados.

Mas a greve geral que preconizamos e queremos não estalará sómente como arma de opposição contra a guerra — matadouro colonial ou açougue nacional.

A greve geral que propagamos e desejamos, é a greve geral expropriadora a qual terá como finalida de consequente: o salariato abolido, a miseria suprimida, a fusão dos povos com a originalidade inherente a cada qual, respeitando os seus normaes instintos, incluindo a reciprocidade dos produtos, a pureza das permutas, o equilibrio e a perfeição do trabalho.

Preconizamos a greve geral expropriadora e revolucionaria. Queremos ver terminada a autoridade-governo e presenciar em vez das contradicções e dos horrores do Capital, os seres humanos, tornados unidades conscientes e não imprecisas, constituir um mundo habitual. Queremos ver acabadas essas monstruosas carnificinas, essas dilaceracões odiosas, esses massacres horribeis, **as guerras.**

Queremos que o homem não seja mais a fera pronta a dilacerar o homem seu irmão.

Para isso, para efetivação das nossas aspirações, vimos dar o nosso esforço para a creação da minoria que mais tarde dará á multidão o impulso supremo.

Nós queremos a greve geral não de simples manifestação contra a *brigandage* de qualquer nação; mas uma greve geral que sendo um intenso e ardente protesto contra a folia liberticida de que os dirijentes nos fazem vítimas, envolva todas as suas consequencias moraes e sociaes: Supressão das hierarquias, abolição do Estado e da Igreja, organização do consumo e da produção, permuta comunista, cantonal e internacional; edificação das cidades livres sobre as ruinas das monarchias, dos imperios, das republicas; isto é, a greve geral expropriadora e revolucionaria, cujo ritmo prolongando-se até ás profundidades da vida coletiva, fará desabar com enorme fracasso todo o presente edificio social.

Após a realização da greve geral que vimos prégando, o globo não mais rolará ensanguentado n'esta infinita noite de horrores. A terra não terá já o aspeto duma vasta necrópole onde os pobres são sepultados pelos privilegiados e os cadaveres apresentam os estigmas da miseria e os indicios das balas.

O mundo terá deixado de ser um vale de lagrimas para os escravos da industria e do commercio, a terra o oásis dalguns beneficiados.

Divulgar **A Revolta**, é prestar auxilio á difusão do anarquismo, é semear para colher.

Movimento Anarquista em Coimbra

A'VANTE!

Vemos com bastante regosijo que os nossos camaradas, a despeito da guerra de exterminio feita pela burguezia ás doutrinas anarquistas, vão conhecendo, emfim, a imperiosa necessidade duma forte organização, provando assim aos nossos detratores, aos dirijentes dos povos escravizados que perante as suas violencias os anarquistas congregam as suas forças, unindo-se pelos mais estreitos laços de solidariedade, aptos para a luta no campo em que ela seja posta.

A propaganda ativa e vigorosa que os nossos camaradas vão fazendo entre os trabalhadores desta cidade, tem sido altamente benefica para o desenvolvimeto do nosso querido ideal, creand'o no seio do movimento operario ferverosos adeptos para a causa santa porque lutamos.

Assim a *Aliança-Anarquista* dia a dia vai engrossando a sua columna com novos camaradas, que animados duma grande vontade veem dar o seu concurso á nossa propaganda.

A onda vai crescendo, crescendo cada vez mais, para em breve, impetuoza arrazar esta pôdre e gangrenosa sociedade em que o humanitarismo é uma palavra vã e a justiça uma mentira deescarada.

Da perfeita organização de todos os anarquistas advirão incontestavelmente grandes beneficios para a sementeira da grande ideia — **A Anarquia.**

Que os anarquistas de Coimbra ainda hoje refratarios á organização, cumpram pois com o seu dever, ingressando na *Aliança-Anarquista*.

Tudo pela Emancipação dos trabalhadores!

Tudo pela Anarquia!

Os trabalhadores não tem patria.

KARL MARX.

Aviso importante

AOS QUE RECEBEM PACOTES

Deves sêr um camarada, um companheiro, já traquejado na nossa luta. Por isso falamos-te com franqueza.

A vida de um jornal anarquista depende da boa ordem da sua administração.

E esse serviço como todos os mais é feito nos nossos jornaes, por trabalhadores, depois do dia passado na officina. Tem pois que ser breve e simples. Para isso todos devem contribuir.

E tu tambem. Recebes hoje um pacote do jornal. Verifica o numero de exemplares que tens a possibilidade de vender e escreve-nos antes do aparecimentto do próximo numero. E oito dias depois de receberes os jornaes, sem esperar que te escrevamos, envia-nos o seu produto.

Contribuirás assim para a vida do jornal. Serás um seu amigo e sincero cooperador.

Anarchistas:
auxiliae **A REVOLTA**

A BARBARIE

Oh' vós que a proclamar andais, patriotismo, fazendo exhibição do estúpido empirismo — *se quer's viver em paz, prepara-te p'rá guerra,* vêde a rubra eclosão que páira sobre a Terra, O azul do céu, flamante, expõe nitidamente a tragedia sangrenta, em um laivo candente. Olhai! O Nordéste é flamivoma fornalha acêza em oblação á luzida canalha de sceptro, manto e c'rôa, imperias fastigios, e á burla colossal dos de gorros frigios. De Kiel a Sidney, desde Kara a Odessa o troar do canhão alarma a turba opressa e o *spraknel* e o torpedo, a bomba e a granada reduzem legiões a massa informe, ao Nada! E' Atila que passa — *o latego flagelo,* Succedeu ao Direito a curva d'um cutelo — *meia lua sinistra* —, a infame guilhotina com que a sociedade os parias assassina. O gume duma espada e a bala do canhão teem muí mais valor que a burla da Razão!

Perpassam os dragões levando em riste a lança... A Belgica é arrazada e invadida a França... O sangue vai correr nas regiões da Prussia talada p'lo caudal das legiões da Russia... Cidades sob o fogo... Ruinas e destroços, e lagrimas e sangue... E' a obra dos colossos! Gritos de maldição e pragas formidaveis bradam por toda a parte os povos miseraveis, do Elba ao mar de Azof e d'este até Khan. Voltou a barbarie de Nero e Gengis-Khan. A Ramses do Egipto e a Filipe de Espanha succede o Tzar da Russia e o Kaizer da Alemanha.

Oh' vós que a proclamar andais, patriotismo fazendo exhibição do estúpido empirismo — *se quer's viver em paz, prepara-te p'rá guerra,* Vêde que grande crime essa doutrina encerra.

A. Santos Pinho.

Fado Livre Racional

O titulo é bastante sugestivo e exprime bem o nosso espirito literario que lhe imprime a qualidade de fado moderno, moralizador e educativo.

Este trabalho em forma de livro, de 16 paginas, além do respetivo repositório em forma de quadras de quatro decimas cada uma e a respetiva musica composta para o mesmo, contém artigos explicativos sobre a arte poética e musical, sobre a ortografia simplificada-transitoria, e sobre os hinos: — **Internacional e o Hino Libertario.**

Inserer estrofes para *A Internacional* dedicadas á infancia, e outras estrofes para o *Hino Libertario* dedicadas ás mães e a todas as boas educadoras. Todos os individuos que teem predileção pela musica tocada e cantada com versos, devem adquirir um exemplar, pelo menos, do *Fado Livre Racional*. Os camaradas que se dedicam á propaganda do Ideal Emancipador por meio de venda de obras impressas devem-se empenhar pela venda deste folheto cuja percentagem pode reverter em proveito de quem vende ou para auxilio dos grupos de propaganda e de instrução.

O seu preço é de 50 réis cada exemplar.

Para os camaradas leitores do nosso jornal, que façam aquisição de pacotes de 20 exemplares teem 40% de desconto. Os pedidos podem ser feitos a esta redação ou a J. Sousa Reis, Rua do Paraizo, 39 — Lisboa.

Novos jornaes

No dia 13 de Outubro inicia a sua publicação em Aveiro um novo jornal que se dedicará á difusão do sindicalismo e anarquismo. O primeiro numero é dedicado á memoria do camarada Ferrer.

— Os camaradas que compõem o grupo da extinta revista **A Sementeira** que tão brilhantes serviços prestou á causa anarquista em Portugal, acabam de novo de reorganizar este grupo, para novamente iniciar a publicação de tão util revista.

A correspondencia deve ser dirigida para o Cais do Sodré, 88 — Lisboa.

Aliança-Anarquista

CONVITE

Convidam-se todos os camaradas pertencentes a esta organização a reunir, hoje domingo, pelas 11 horas da manhã, na nossa redação, afim de tratar de assuntos de alta importancia para a propaganda.

A' reunião podem assistir os camaradas não agrupados.

A sair brevemente

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Publicação da Aliança-Anarquista

Belo folheto de propaganda libertaria para os trabalhadores do campo e da cidade, cuja aquisição nós recomendamos a todos os grupos e camaradas que se dedicam á propaganda do ideal anarquista.

Pacotes de 300 exemplares 500 réis. Não se satisfazem pedidos desde que não venham acompanhados da importancia.

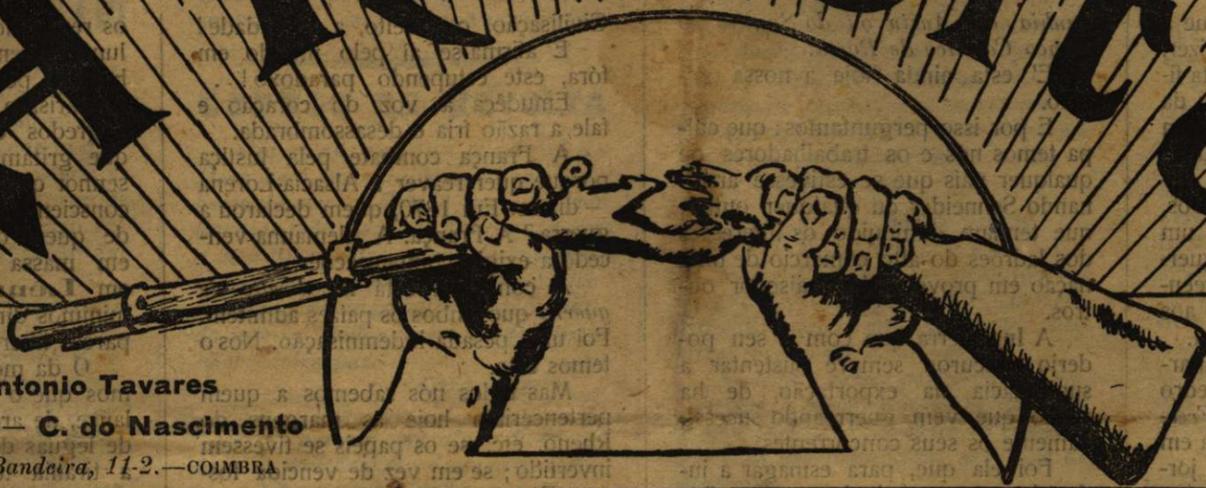
A REVOLTA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

AVULSO 10 réis
Serie de 8 numeros incluindo o porte do correio 120 réis



A Revolta



Diretor e editor — **Antonio Tavares**
Administrador — **C. do Nascimento**
ADMINIST. **A. Sá da Bandeira, 11-2.** — COIMBRA

Propriedade da Aliança-Anarquista
REDAÇÃO
A. Sá Bandeira, 11-2.º
COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. LITERARIA — COIMBRA

O PRIMEIRO DE MAIO

E' uma luta de trabalhadores contra os capitalistas

No numero das grandes lutas operarias, conta-se o 1.º de Maio de 1886, data inolvidavel de reivindicaçao e de protesto, que o Congresso Socialista realizado em Paris no ano de 1889, na ancia de deturpar o grandioso movimento dos trabalhadores norte-americanos, consagrou-o a *Festa do Trabalho*.

Porem, a historia dos factos tem-se vulgarizado e os ingenuos que festejavam esse dia, vão caminhando para o campo do protesto e da açao consciente. O 1.º de Maio teve o seu preludio em 1832, quando as organizaçoes operarias de New York e Filadelfia reivindicavam o dia normal de 10 horas de trabalho, sendo este horario considerado legal somente para os trabalhadores nas construções da armada. Até ao ano de 1884, já se tinham formado varias associações que propagavam a necessidade da jornada normal das 8 horas de trabalho tais como a poderosa **Liga das 8 horas**, de Boston, fundada em 1860 e a **Associação das 8 horas**, de Chicago.

Estas duas organizações intemeratas e potentes, prontas a entrar na peleja contra os gananciosos capitalistas e a lutar até á morte, impulsionaram todas as outras associações proletarias que em 1895 organizaram em Chicago uma reunião magna de delegados, na qual se acordou em proclamar no dia 1.º de Maio de 1886 a Greve Geral pelas 8 horas.

Chegou, emfim, o dia 1.º de Maio. A Greve Geral era um facto. Mais de 50.000 trabalhadores se reuniram num comicio monstro.

Então, como sempre, o governo, fiel servidor dos capitalistas, ordenam aos esbirros policiaes, para dissolver violentamente o comicio para assim fazer abortar esse grandiosa parada de forças. A policia sanguinaria e fe-

roz, pratica, então a mais horrosa carnificina que a historia regista cheia de vergonhosas paginas sanguinolentas; carregando sobre os grevistas indefesos, do qual resultou a morte de dezenas de trabalhadores.

Mas não finalizou aqui o instinto perverso dos governantes, pois que em seguida eram presos os trabalhadores que mais se salientaram no comicio, *Eugel, Spies, Fischer, Ling e Parsons*, conhecidos pelas suas ideias anarquistas, sendo condenados á morte.

Esta monstruosa infamia foi consumada no dia 11 de Novembro desse ano e preparada segundo depois se demonstrou, com o fito de afoegar em sangue a ideia libertadora a **Anarquia**.

Todavia, ainda hoje a burguesia ouve, cada vez com mais energia, a voz dos povos famintos, que, proselitos da mesma ideia que ela procurou esmagar, passando juntos dos seus palacios, lá vão, entoando o cantigo de revolta, provar-lhe e demonstrar-lhe assim a locura dos que pensam aniquilar a ideia com o assassinato dos seus propagandistas.

Trabalhadores! Homens livres de todo o mundo! Lembrai-vos que a melhor forma de comemorar o 1.º de Maio é proseguirmos com amor e abnegação na propaganda do sublime ideal pelo qual morreram os nossos irmãos de Chicago.

Empreguemos os necessarios esforços para que em breve se possa ver raiar a aurora dum brilhante futuro, preparando assim a derrocada da sociedade capitalista, com o advento da **Anarquia!**

Anarquista: é por definição, aquela que não quer ser oprimido nem quer ser opressor; aquelle que quer o maximo bem-estar, a maxima liberdade, o maximo desenvolvimento de todos os seres humanos.

ENRICO MALATESTA

A REVOLTA

Hoje que o sangue serpenteia nos campos da batalha em holocausto ás ambições dos vampiros da alta finança, que piras de cadaveres se decompõem em oblação á cubica enfrene dos piratas do grosso commercialismo, nós, volvemos a trazer o verbo candente da revolta contra esses sanguiscentos psicopatas e senhores por cujo capricho se vért o sangue generoso dos povos miseraveis; voltamos a pregar esta revolta que é a santa, dignificadora e bela:

A dos sem pão contra os açambarcadores; a dos sem patria contra o patriotismo; a dos escravos contra os senhores; a das victimas contra os carascos.

De novo vimos a dizer que não é justo, não é digno, nem é razoavel que os povos esgotem as suas forças para forjar noyas e de cada vez mais possantes cadeias que os prendam ao carro ignobil da escravidão secular; que são inhumanas e cruéis essas guerras que enlutam a Humanidade inteira para satisfação unica das tiranias dos autocratas, dos senhores.

SOLIDARIEDADE DOS POVOS

O 1.º de Maio é, para aqueles que querem a emancipação humana um meio de afirmar a sua solidariedade com todos os que sofrem de exploração, com todos os que estão impacientes por sacudir o jugo politico e economico, que peza sobre os seus hombros.

E' para lamentar que, para servir ambições politicas, se tenha tirado desta data, que primeiro fóra considerada como uma data de protesto, o seu caracter ativo de revolta.

No principio, porem, do seculo XX, em que se resuscita o espirito militarista que parecia agnisar, é conveniente afirmar, atravez de tudo e por toda a parte, que os povos não tem senão um inimigo: — **seus senhores.**

O exercito, ao mesmo tempo que é uma escola de desmoralisação é uma barreira levantada entre os exploradores contra as reclamações possiveis dos explorados.

A guerra é uma coisa absurda e imoral que não é reclamada senão por aqueles cujos interesses póde favorecer, e esses não são senão uma minaria infima de politicos e financeiros de grande vôo, que fazem o seu regebófe dos desastres que organisa.

Hoje os povos tem todos, mais os menos, necessidade uns dos outros. As suas relações comerciais, industriais, intellectuais e scientificas, são as mais completas e as mais numerosas,

Assim continuaremos pregando a extinção das guerras com uma ultima: — A guerra contra o dominio e exploração capitalista que faz do ser livre um ilota, a revolta contra as Leis, Religião, Militarismo, Patrias, tudo enfim, quanto oprime e avilta os povos.

Presos por questões sociais

As associações operarias de Lisboa e os comités pró-presos por questões sociais resolveram levar a efeito em todo o país um forte movimento de agitação em favor dos nossos camaradas, que se encontram entre ferros da republica por delictos sociais e que a ultima amnistia dada a confessos conspiradores monarchicos, não abrangau.

Em Lisboa projecta-se a realização dum grande comicio no qual se resolverá o caminho a seguir em face da atitude dos governantes.

Urge que um grandioso protesto se levante em todo o país afim de arrancar ás garras da tirania capitalista os nossos queridos camaradas de luta pela emancipação proletaria.

Liberdade aos presos sociais!

E' mesmo uma anomalia esse patriotismo armado que faz revoltar os povos uns contra os outros. O inimigo daquele que é oprimido e explorado, é aquelle que o oprime e explora.

São aqueles da sua propria patria que detem a riqueza e o poder.

Já não é em nações que a humanidade se divide. Os individuos variam segundo o seu temperamento, a sua educação, as suas tendencias e segundo meio pelo qual se desenvolvem; podem possuir qualidades e conceções diferentes, mas tem todos um direito igual á vida e ao desenvolvimento livre integral, em toda a virtualidade do seu ser.

Todo o nosso passado historico nos demonstra que o estado de luta é tão sensivel ao vencedor como ao vencido. Os seus esforços devem, pois, tender para uma intelligencia harmonica, para uma solidariedade internacional.

E, por isso aqueles que se fizeram seus senhores, procuram sustentar o seu dominio e eternisar entre nós as guerras. E' pelo desaparecimento dos senhores — ou antes das instituições que permitem que haja senhores — que devem voltar, os esforços de todos aqueles que querem emancipar-se, qualquer que seja o epíteto geografico que lhes impoz o acaso do nascimento.

JEAN GRAVE.

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

Perante a opinião de Pedro Kropotkine

Nós sabemos muito bem que a patria portugueza, queremos dizer, os governos, o capitalismo e a alta finança deste país, não necessitam da nossa opinião sobre a Guerra nem se preocupam nunca, como nunca se preocuparam os governos das demais nações, de consultar os povos, porque, — como disse algures um grande escritor, — bem poucas guerras se travariam se antes de empreende-las se consultasse de boa fé aos que em elas não de perder a vida.

Compete-nos porém, como anarquistas, perante a carta de Pedro Kropotkine a Steffen, inserta no *Freedom*, de Londres, e logo traduzida em varias linguas para apparecer nos jornais de burguezes e militares como sendo doutrina que todo o povo trabalhador e que todos os anarquistas devessem acatar, expôr o que entendemos e o que é nossa opinião sobre o assunto que está merecendo a discussão dos revolucionarios sociais de todos os países.

Kropotkine, dá-nos assim, em síntese, a sua opinião no segundo periodo da carta:

Penso que o dever de todos aqueles que amam tanto os ideaes como o progresso humano, e especialmente aqueles que estavam inscritos como proletarios europeus na bandeira da Associação Internacional dos Trabalhadores e combater a invasão dos alemães na Europa Occidental.

Egualmente em síntese nós expomos, de entrada, a nossa opinião.

Perante a monstruosa guerra de hoje preparada como todas as outras realisada em exclusivo beneficio das castas militarista e burgueza, nós não dizemos ao proletario que tome a espingarda e corra á fronteira a fazer-se matar e a matar o proletario de outro país para honra e gloria da Patria e da Burguezia. Nós, pelo contrario, voltamos hoje a afirmar o que sempre mantivemos:

Os parias, os miseráveis, os explorados são internacionalistas, não podem ser inimigos.

O seu inimigo é o seu tirano, é o seu explorador.

Fazer a guerra entre si é pois um crime por que se mata-se em defeza dos interesses de seus inimigos.

Assim, mantendo naturalmente a nossa antiga opinião livramo-nos — como disse *«Volonté»* — de fazer a triste figura do ateu e do anti-clerical que durante a vida troçam do padre e negam a existencia de Deus e quando se veem no extremo da vida, perante o problema da morte, na angustia do momento misterioso, se sentem arrependidos de tudo, e, temerosos do ignoto, na incerteza do além se reconciliam com Deus e com o padre!

Ao contrario de Kropotkine nós cremos que o *dever de todos aqueles que amam tanto os ideaes como o progresso humano* é precisamente mostrar aos trabalhadores que não tem que pegar em armas para defender a burguezia e o capitalismo francez das investidas da burguezia e do capitalismo alemão, porque os miseráveis, os que não tem nada de seu, marchando para a guerra não fazem mais que ir defender a casta militarista e consolidar o privilegio economico e politico da burguezia, sacrificando-se para engrossar ainda mais a cadeia da sua propria escravidão.

Kropotkine escreveu em *La Guerre: São sempre rividades em torno de mercados e do direito á exploração das nações atrasadas em industria que causam as guerras modernas. Na Europa já ninguém se bate pela honra dos reis: lançam-se os exercitos uns contra os outros pela integridade dos rendimentos dos Mui-Poderosos Senhores Rothschild ou Schneider, da Mui-Respeitavel Com-*

panhia de Anzin ou do Santissimo Banco Catolico de Roma.

E' esta ainda hoje a nossa opinião.

E por isso perguntamos: que culpa temos nós e os trabalhadores de qualquer país que se estivesse arruinando Schneider ou qualquer outro; que tenham diminuido os interesses dos ladrões do alto comercio de uma nação em proveito de quaisquer outros.

A Inglaterra que com o seu poderio procurou sempre sustentar a supremacia na exportação, de ha muito que vem guerreando sucessivamente os seus concorrentes.

Foi ela que, para esmagar a industria e o comercio francez, em fins do seculo XVIII, com o auxilio da Prussia, da Austria e da Russia fez à França uma serie de guerras terribes, durante um quarto de seculo; foi ela quem, nos meados do seculo XIX, para detêr o desenvolvimento do molosso-russo, lhe pôz á face a França e a Turquia provocando a guerra da Crimeia, voltando ainda a renovar o bote no principio deste seculo (1900), aticando-lhe o Japão; e é agora esse mesma potencia que, assustada pela extraordinaria produtividade industrial da Alemanha, procura na guerra a maneira de alçaprear o seu comercio destruindo o daa sua mortal concorrente, enquanto que, por sua vez, a Alemanha tem interessado no caso a sua industria.

Como podemos pois, nós, apoiar essa tese de Kropotkine?

Não! Nós não estamos dispostos a esmigalhar a cabeça para interessar a uns quantos nossos verdadeiros inimigos.

Os bandidos da grande industria alemã que se batam com os piratas da alta finança ingleza. Não pertencem uns e outros, que nos matemos para os enriquecer, porque entendemos que os trabalhadores não devem fogar a vida para defender os interesses capitalistas.

Não podemos nós deixar de reconhecer que foi a Alemanha, com a politica ferrea de Bismarck, quem inaugurou na Europa a era dos armamentos indefinidos, sendo portanto esse país a focô do militarismo cujo é necessario fazer ruir.

Mas derrotada a Alemanha não termina ainda o poderio da casta militar porque não de, infelizmente, subsistir as *razões das guerras*: A Russia ha de querer novamente estender os tentaculos e empurrar para Asia a Sublime Porta, repetir 1876; os Estados Unidos, intranquillos pela concorrência dos amarelos não de querer esmagal-os; os mastins guerreiros da França e da Inglaterra, ssiaciados pela avultada presa que esta guerra lhes trará (?) adormecerão por espaço de tempo mas logo volverão a ranger os dentes.

E isto porque, derrotada a Alemanha ou venciada a França não deixará, por essa razão, de haver commerciantes, syndicateiros, agiotas e judeu que numa parte ou noutra, mais cedo ou mais tarde, não de infalivelmente impelir os países á conquista de novos mercados, á guerra.

Que interesse tem portanto os trabalhadores em semelhante luta? Para que pegar em armas e ir ao centro da Europa morrer e matar trabalhadores como nós, e que como nós nenhuma culpa tem que os syndicatos burguezes alemães prejudiquem os trusts inglezes ou que os argentarios franco-russos queiram alargar o raio do seu dominio?

Mas e a Civilização que se destroe, a Liberdade que se afoga, clamam indignados os escrivas peniculiarios da burguezia; pelejando contra a a Alemanha defende-se a Justiça, a

Civilização, o Direito, a Liberdade!

E afirma-se ai pelo mundo em fóra, este estupendo paradoxo!...

Emudeça a voz do coração e fale a razão fria e desassombrada. A França combate pela Justiça porque quer reaver a Alsacia-Lorena — diz-se. Em 1870, quem declarou a guerra? A França. A Alemanha vencedora exigiu compensações.

A conquista está no direito de guerra que ambos os países admitem. Foi uma pesada indemnização. Nós o temos dito.

Mas todos nós sabemos a quem pertenceriam hoje as margens do Reno, etc. se os papéis se tivessem invertido; se em vez de vencida fosse a França vencedora.

As duas provincias são etnicamente francezas, pertencem de direito á França... De acôrdo. Mas por ventura não são tambem etnica e genuinamente italianas as provincias de *Niza e Saboia*. Que se importou com isso a França? Ora não pode haver duas logicas, — uma para servir a França outra para uso da Alemanha.

Que lute portanto na reconquista quem nisso tiver interesses. Mas não afirmem que se batem pela Justiça.

A Inglaterra peleja pela Civilização afirma-se: e é pela Civilização que nós devemos ir em seu auxilio, acrescenta-se.

Nós sabemos muito bem o que tem sido a decantada acção civilisadora dos inglezes, mas ouçamos o que, a seu proposito, escreveu um dos mais eminentes filhos de Albion, Herbert Spencer, no seu livro *Filosofia Social*:

Nunca, com mais propriedade, os inglezes mereceram o nome de *aves de rapina* com que os mimoseava Burke, quando cometiam toda a casta de atrocidades na India, pois generalizam cada vez mais o seu sistema de açambarcamento sem escrupulos. Por toda a parte empregam o mesmo processo de politica colonial; primeiro enviam missionarios; depois, delegados com o encargo de propôr certas condições reciprocas aos chefes das regiões que eles cubriçam. Quando julgam ter de seu lado as apparencias do direito, não parecendo preocupar-se senão com um fim civilisador e humanitario, suscitam um conflito, mero pretexto para se apoderarem de mais um territorio.

Por conseguinte: primeiro uma missão de ministro de Deus, para converter as tribus selvagens ao cristianismo; depois uma missão de soldados cristãos, para a tiros de peça, subjugar estes mesmos selvagens.

A politica ingleza, é pois, sobremaneira nitida. Primeiramente a Biblia; seguidamente, as granadas de artilharia.

E' igualmente bem conhecida a acção civilisadora das tropas francezas no Tonkin e em Madagascar, dos belgas no Congos, e dos russos na China e no Turquesthan.

E é a todos estes heróis do exercito anglo-franco, russo-belga que em todas essas partes deram provas do que eram que está entregue de novo, a defeza da civilização!... Nesta guerra as hostes do Kaiser tem praticado revoltantes crimes. E' um facto. Mas, por outro lado, não é contestavel a afirmação que os alemães fazem attribuindo as tropas dos aliados identicas selvagerias.

Isto prova tão somente que todos os soldados, quando em guerra, não são mais que uma sucia de barbaros, sejam eles dum país democratico ou duma nação reaccionaria.

Não é portanto (a nosso vêr) correndo pela Europa de espingarda nas mãos, feitos assassinos, que os que amam os ideaes e o prog esso humano salvam a Civilização.

Nós não podemos conceber que

os revolucionarios russos venham voluntariamente ao centro da Europa, bater-se pela Civilização e contra o barbarismo, quando no seu país há degredos como a Sibéria para os que gritam **Liberdade!**; um senhor que manda fusilar os homens consciences; companhias ás ordens de quem os soldados espingardeiam em massa os trabalhadores, como em *Lena*; *ukases* derogam os minimos direitos e cerceiam as mais parcas liberdades.

O da mesma forma não concebemos que o trabalhador portuguez se lance, de arma na mão, a centenares de leguas de distancia para combater a tirania teutonica, deixando, muito tranquilos e satisfeitos os tiranos que pelo mais insignificante delito de opinião os metem durante longos mezes em ergastulos onde se arruina a saude, os barbaros que á menor tentativa de reivindicacão ou protesto os mandam espadeiar e fusilar nas ruas.

Com respeito a combater pela Liberdade e pelo Direito será bom que aos que batalham imbuidos dessa mentira não succeda o que aconteceu a muitos dos que, em 4 de Outubro de 1910 lutaram pela Liberdade Republicana. Daí a poucos mezes estavam na cadeia.

Combater pela Liberdade e pelo Direito! Grosseira mistificação. Nenhunas liberdades existem neste país que tenhamos de travar luta para mantel-as.

E Direitos, a nós trabalhadores, só um nós conferem: *o de sermos ignobilmente explorados por todos: pelos patrões, pelos commerciantes, pelos agiotas, pelo fisco.*

Ha que batalhar, sim. Mas não é por este direito, por esta liberdade, por esta justiça, por esta civilização, falsas e hipocritas.

Hemos de lutar, sim. Mas para implantar o Direito puro a Liberdade de facto, a Justiça a Liberdade de facto, a Justiça sã, a Civilização perfeita, isto é: — **A Anarquia!**

CONTRA A GUERRA

Comícios em Setubal e Lisboa

Promovidos pela União Anarquista-Comunista da região do Sul, realiza-se hoje 1.º de Maio, em Setubal, um grande comício de protesto contra a folia sanguinaria dos governantes e em favor da paz.

Amanhã, domingo, realizar-se-ha em Lisboa um comício contra a guerra que promete ser imponentissimo.

Para estes comícios foram profusamente distribuido um manifesto, que constitue um grito vibrante de protesto contra a Conflagração Europeia.

Trabalhadores! Comparecendo nos comícios que hoje se realisam, cumpriremos um alto dever de solidariedade interernacional e de repulsa á chacina Europeia.

A União Anarquista-Comunista.

NA ITALIA

Os socialistas fieis aos seus principios internacionalistas realisam hoje, 1.º de Maio, em todo o país manifestações e comícios de protesto contra a guerra.

Congresso Internacional de Ferrol

A hora que o nosso jornal circular encontra-se reunido em Ferrol (Espanha), o Congresso Internacional contra a guerra, convocado pelo Ateneu Sindicalista, cujo principal fim é estreitar as relações internacionais entre os revolucionários sociais para uma ativa agitação em favor da paz.

As adesões recebidas para este Congresso são importantíssimas, tendo já nomeado delegados directos as associações operárias, anarquistas, socialistas e sindicalistas, não só de todas as cidades espanholas, como de: Italia, Inglaterra, Holanda, Brasil, Alemanha e França cuja Confederação Geral do Trabalho se faz representar.

Outros países não só da Europa como da America deram a sua adesão a este Congresso, sendo de esperar que dele saiam resoluções praticas para a consecussão da paz.

A NOSSA REPRESENTAÇÃO

De Portugal fazem-se representar com delegados directos as seguintes colectividades:

Organizações anarquistas, Pinto Quartim, Alves Pereira, Ernesto Cardoso e Serafim Cardoso, Lucena.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa; Joaquim Nogueira.

Juventudes Sindicalistas; Aurelio Quintanilha.

União Nacional Operária; Mario Nogueira.

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Por toda a Espanha a corrente contra a guerra engrossa com rapidez.

O brilhante manifesto em favor da paz em que se advoga a ideia dum movimento internacional para impedir a continuação da carnificina, publicado pelo camarada francez Sebastião Faure encontrou nos revolucionários espanhóis o mais franco apoio, tendo sido publicado nas columnas dos jornais operários.

As manifestações de *Justicia Social*, órgão socialista, e de *Solidaridad Obrera*, órgão da Confederação Geral do Trabalho de Espanha, ha que juntar a duma infinidade de sindicatos operários e centros de cultura empenhados em tornar ostensiva a sua aversão á matança.

Em todas as cidades mais importantes de Espanha, socialistas, sindicalistas e anarquistas, de comum acôrdo se aprestam a organizar sessões e a publicar manifestos anatemizando a disputa criminosa entre opressores e que nós, os oprimidos pagamos com a nossa liberdade, com o nosso sangue e com a nossa vida.

Esta ativa propaganda tem feito criar uma forte corrente contra a guerra e ela obstará certamente a que o governo de Afonso XIII venha a intervir no conflito, permitindo-nos ainda supôr que com ela se poderá levar a efeito um formidável movimento cujo embate poderoso seja capaz de impôr a Paz contra a vontade assassina dos governantes.

Tambem a agitação contra uma das causas da guerra a carestia da vida, se desenvolve assombrosamente por todo o país, tendo-se já realizado em muitas cidades, importantes comícios de protesto.

A quasi todos eles acôrrem uma multidão compacta, tendo havido por vezes conflitos sangrentos entre a guarda civil e o povo faminto.

O grupo editor de *Terra y*

Libertad publicará brevemente um numero-revista, dedicado ao falecido companheiro Anselmo Lorenzo.

Será ornado de excelentes desenhos do camarada Sagrista e no texto figurarão artigos dos mais conhecidos escritores anarquistas.

SOPROS DE REVOLTA

Dia virá em que o ideal de Deus será substituido pelo ideal da humanidade; o Estado com as suas tiranias pela Comuna-Anarquista com a sua liberdade; a guerra com suas indiscrimináveis atrocidades pela fraternidade entre os trabalhadores do mundo inteiro unidas numa verdadeira e imorredoiira paz.

Otto Leroy

Urge resistir contra a onda criminosa do militarismo e dizer como Tolstoi: — Recosai-vos ao serviço militar! — a recusa a esse

Aos anarquistas portugueses

Camaradas:

A organização dos anarquistas no momento gravíssimo que atravessamos, é uma necessidade imperiosa.

Creemos que todos os camaradas de boa vontade colaborarão nesta obra de conjugação de esforços e energias.

Em Portugal, nestes ultimos anos, consoladoramente o constatamos, o povo trabalhador vai-se compenetrando do seu valor, e as ideias anarquistas desenvolvem-se dia a dia. Ocorre-nos, por consequencia perguntar, porque não nos unimos para intensificar a atmosfera de hostilidade e descrença que pelos politicos lava no seio do operariado, formando uma forte corrente que derrubará o edificio putrido já do sistema capitalista-burguez.

Vamos, seriamente pezar o que tem motivado um tal enervamento e indiferentismo pela organização das forças anarquistas. Embora nós peze dizelo, é a verdade; e a verdade jamais se deve ocultar.

O marasmo, a desunião entre os anarquistas, deve atribuir-se á ignorancia dos deveres de solidariedade que entre nós deve existir.

Camaradas! Esqueçamos resentimentos e agravos pessoais. Que todos se unam para o bem comum, para a obra de Salvação Social!

Urge mudar de rumo, trabalhar com afinco e sem defalecimentos. concertados, unidos, para não sermos arrastados no abismo profundo que nos ameaça tragar.

A tremenda catástrofe que se desencadeou, a Conflagração Europeia, cujas consequencias não podemos conjecturar, deve ser um incentivo para novas lutas; devemos unir fileiras, ativar a propaganda, e não sermos preza da confusão produzida pelas occorrencias, para que, intervindo quando a ocasião se manifestar, saibamos tirar proveito desta grande e terrível lição, marcando-lhe um epilogo brilhante na historia do movimento social.

Não pôde, nem deve dar-se uma fuga dos nossos postos, por que essa attitude seria covarde, vergonhosa, criminosa no momento em que se joga a vida e o futuro dos povos. Devemos lutar para que o facho brilhante da Revolução Social dissipe a escuridão tenebrosa em que a vida social está mergulhada.

Mas enquanto não se acerca o final da partida, saibamos ver claro e encerrar a situação, para reivindicar-mos a melhoria nas nossas condições economicas, tão miseraveis já, defendendo-as de toda a horda de ignobeis parasitas, que em vez de encolherem as garras no

serviço deprimente e infame, e queda da sociedade capitalista que não mais se apoiará nas baionetas empunhadas pelos trabalhadores.

Bartolomeu Constantino

A greve geral ataca directamente o verdadeiro poder, sociedade capitalista, o fautor real das guerras — a oligarquia financeira e economica, — sua virtude educativa dos esforços collectivos, que dispensam os meios, e atinge o alvo desejado.

Neno Vasco

O dinheiro serve ao governo para comprar armas; para dar educação especial e pagar depois a chefes militares criminosos e ferôzes.

E estes chefes, por processos engenhosos e aperfeiçoados através dos seculos formam com todos os homens, que lhes são fornecidos, exercitos de bandidos.

Leão Tolstoi

meio de tantos desastres, mais se incitam á rapina e á ganancia commercial, açambarcando e agiotando com os generos de primeira necessidade.

Que cada um tome a serio o papel social que lhe compete neste momento de grande responsabilidade, trabalhando pela junção e fortificação da Familia Anarquista, para que não sejamos atropelados pela reacção clerical, politica e militarista.

Façamos uma barreira num amplexo fraternal nos laços da solidariedade, e lutemos para que amanhã findo o poderio dos tiranos e despotas, cesse a exploração capitalista, cale o troar do canhão e caiem para sempre as fronteiras malditas que se erguem, alimentando ódios.

Então surgirá esplendente o Ideal Libertario, proporcionando a todos Pão, Terra e Liberdade, e sobre o Universo em repouso, far-se-ha o advento da Sociedade Anarquista-Comunista.

A União Anarquista-Comunista da Região do Sul, constituiu-se neste momento em que os anarquistas de todos os países se estão organizando, preenchendo assim uma lacuna que era, sem contestação, uma necessidade urgente; que cessem os fatores dissolventes da união, deixando divergencias que só ao nosso inimigo comum aproveitam; e que dão origem á afitiva confusão nas fileiras anarquistas e á falta de propaganda dos ideais libertadores; que a nossa agrupação seja o traço unificador de todos os que amam a Anarquia, esperamo-lo.

A nossa organização, tomará parte em todos os movimentos de caracter social, fomentando neles o espirito revolucionario, a acção directa anti-estadoal, anti autoritaria e anti-parlamentar.

Propagará as doutrinas anarquistas que serão a semente que fará brotar por toda a parte o sentimento de revolta, despertando do torpôr, da letargia, em que jáz, a imensa legião de escravizados e famintos, e que destruindo a casta parasitaria, dará lugar á fraternidade universal.

Camaradas, lutemos num congraçamento de ideias, para derrubar a corrompida sociedade, prenhe de ridiculos preconceitos e perniciosas convenções e ficando a sociedade livre, plena de Bem-Estar e Liberdade,

Avante pela Revolução Social!

Viva a Anarquia!

A União Comunista Anarquista da Região do Sul.

O Patriotismo

Ha dias falei com um moço militar que partiu na ultima expedição a Angola. Como o vi triste!

A sua fisionomia revelava o ente que a todas as desditas se resigna sem opôr um gesto de revolta.

Encareio de frente e pude vêr claramente que debaixo daquela farda aviltante, se encobria a blusa honrada do produtor. Pude vêr que tinha na minha frente o homem arrancado a lavoura, o filho amantissimo roubado aos afetos dos seus estremosos pais.

Tive interesse em falar-lhe, gostava realmente de ouvir pela propria boca do nosso expedicionario se ele ia por vontade sua para os confins das africanas a caminho da desesperação e da morte.

— Você, caro amigo não vai com muita vontade combater pela patria... a sua fisionomia indica...

— Diz bem, nenhuma! Nada tenho a ganhar com estas monstruosas guerras. Vivia na minha aldeia com meus pais, uns velhinhos já alquebrados pelo excessivo trabalho e era eu o unico amparo deles. Amo uma rapariga lá do meu logar, em quem depositava os mais venturosos sonhos e em breve iria contraír a união.

— Não fallou! Nada sabia, desta monstruosa guerra porque nada me interessa a não ser a vida e a felicidade dos meus.

O meu maior prazer era ter sempre trabalho para poder ganhar o escasso alimento para mim e para os meus velhinhos!

Um dia recebo um aviso para me apresentar no quartel, e eis que de novo me fazem envolver a farda apesar de ha 3 anos ter já sofrido 20 mezes esse horrivel suplicio. Metem-me n'um comboio para Lisboa e agora é que vou para a Africa.

— Sem vontade alguma... está claro.

— Pois que vontade pode uma pessoa ter em caminhar para o sofrimento. Nenhuma!

Depois que ganho eu com estas lutas capitalistas? Se hoje sou miseravel, amanhã, se não arranjar a minha vida com a força do meu trabalho, volverei a se-lo.

Despedi-me e quando me voltei vi o triste expedicionario limpando justivamente algumas lagrimas que não pudera evitar.

Analisei ali o coração grandioso que o Estado em breve iria transformar n'um coração de bandido.

É isto o patriotismo!
Lisboa, DANTE

Os tiranos unem-se

O governo espanhol proíbe a realização do Congresso Internacional a favor da paz

A ultima hora quando o nosso jornal estava para entrar na maquina extraimos do *Seculo* o seguinte telegrama:

FERROL, 27. — Os anarquistas cataldes realizaram um comicio de propaganda no Centro Sindicalista ao qual assistiu numeroso publico.

As autoridades resolveram proibir o proximo congresso a favor da paz, organizado pelos sindicalistas e anarquistas. Os organizadores do referido congresso negaram-se a assinar a respectiva notificação.

Receiam-se alterações da ordem. Tem chegado muitos anarquistas espanhóis e estrangeiros.—S.

Não sabemos se terá confirmação semelhante atentado á liberdade de reunião.

Mas tudo ha a esperar das diplomacias, que, conscias das suas infamias, dos seus crimes, se atemorizam e tremem quando veem diante de si a ideia que as ha de vencer.

Pedimos a todos os nossos camaradas encarregados da venda que satisfaçam as suas importancias caso contrario somos obrigados a suspender a REVOLTA

Da resignação de Cristo à logica de Satanaz

Ha, seculos que, segundo, E. Renan, nasceu um Homem, Filho de Deus, a confiamos nas predicas e leituras catolicas.

Não existiu, segundo Bossi, e atraz dele os que tudo querem ver pelo prima dos documentos comprovativos.

Homem, Deus ou Mito, o caso é que dele derivaram ensinamentos, doutrinas e mais tarde dogmas. O certo é que se propagaram e impuseram a quasi metade dos habitantes do planeta e regularam a vida social, de modo directo durante muitos anos, e de modo indirecto, boa parte dos nossos tempos.

Seja o cristianismo, ideia original, nova de um homem, ou seja desenvolvimento logico de anteriores ideias, é evidente que a sua influencia trouxe á Humanidade mais danos que beneficios.

Reforma puramente moral, o cristianismo levava já em seu seio, o dogmatismo catolico.

O cristianismo é uma antinomia. Não dego a boa fé dos primeiros cristãos. Admiro o valor dos seus martyres. Descubro-me ante a titanica luta que sustentaram, sós e desarmados, com os poderosos da época.

Emquanto foram partido de opposição eram superiores aos centros mortais; mas, ao triunfar oficialmente com Constantino, onularam de chofre toda a rebeldia e desviaram o progresso que a ideia cristã podia fazer no decorrer dos tempos.

As ideias puniram-se e avançam enquanto se mantêm isoladas do poder; mas uma vez tornadas poder envelhece, em seguida e morre depressa a parte boa que conter possam e toma alento e vida o seu lado mau. E o cristianismo, como toda a obra humana, tinha o seu lado mau, o que podia dar vida e o que podia dar morte, o que tinha podido ser util á totalidade dos seres humanos e o que só beneficiava a uns, tantos.

O catolicismo, que queimou milhares de herejes, sem ter em conta que o primitivo cristianismo era tambem uma heresia, — que vergastou meio mundo para fazer respeitar ou impor a cruz, a cruz do homem que se deixou arrebatado á vida para não pregar á matança, que excomungou meia humanidade, esse catolicismo criminoso, intolerante, inconsequente, fanatico e despótico, que ensinou ele do cristianismo aos homens? Nada mais que o que podia beneficiar a uns quantos, unicamente o que podia perpetuar todas as velhas escravidões, era sua sombra fazer medrar os directores do rebanho humano, passados e presentes.

O triunfo dos cristãos foi o triunfo da maldade humana, não do cristianismo ou do seu lado bom. Não triunfou a tolerancia, nem o espirito de justiça, nem a bondade, nem a fraternidade nem a igualdade.

Triunfou a mansidão, a humildade e a resignação, embustes com os quais se tem vindo perpetuando a desigualdade economica, a tirania da força material, o despreso ao ao direito coletivo e o escarneio de toda a justiça.

Da mansidão, da resignação e da humildade cristãs fez o catolicismo tres virtudes... quando apenas são tres chagas sociais que dizem continuamente a humanidade.

Quasi morto o catolicismo ante os ataques de reformistas e liberais, subsistem, no entanto, estas tres virtudes trasladas ás leis civis — Resignação! Mansidão! Humildade!

Eu ainda não vi nada tão baixo, tão covarde, tão objecto como esta

humilhação do misero ante as corrogancias da soberbia dos que iteem a ridiculo pretensão de dirigir o rebanho humano; eu ainda não presenciiei nada tão baixo, tão cobarde, tão objecto, como essa mansidão do esbofetado povo que ainda e sempre apresenta a outra face; eu não tenho visto nada tão embruteador tão estúpido, tão anti-natural como essa resignação avellhada do despojado eterno que não reivindica todos os seus direitos a vida material, moral e intelectual.

Virtudes de morte e de imoralidade, elas não elevam o homem á categoria de ser pensante; pelo contrario, rebaixam-no ao nivel do bruto, por ainda ha brutos que vagueiam livres e contentes pelas selvas, e o homem não é livre nem feliz destas necrópolis que chamam cidades.

«Crê em Deus, na outra vida nos seus gozos, predica o religioso, deixa-te guiar por meus conselhos e em justa paga de meus serviços, oh povo submisso e obediente! alimenta-me e verte-me.»

«A autoridade é origem divina — diz o monarca; — sou seu representante na terra e deveis prestar-me obediência; em troca de meus serviços, veste-me, calca-me e deixa que me farte.»

«Respeita a lei — diz o legislador porque é a expressão da justiça, e conformai-vos com a vossa condição de servos. Mas eu devo estar isento dela porque sou superior a vós.»

«Respeita as leis, trabalha resignado, e o trabalho será a paga dos vossos deveres. Eu cobrarei o rendimento.»

Eis aqui o que diz o proprietário e o capitalista.

E o magistrado: «O que não obedeça a tudo isto que tem sua origem em alta esfera, lançar-lhe-ei em cima a policia e o soldado, para faze-lo entrar na ordem, ou farei com que apodreça no carcere.»

Eis aqui os resultados funestos dessas tres virtudes trasladas ás leis civis: Eis aqui como a soberba, a avareza e a folgazencia se apoiam monstruosamente, baseando os seus privilegios na educação destas tres virtudes de morte.

Eis aqui o que forçosamente devia matar o cristianismo, resuscitar todos os paganismos, todas as idolatrias; todos os dogmas, produzir os autos de fé e perpetuar todas as miserias antigas com um verniz de civilização falsa e hipocrita. Não podia succeder diferentemente desde o momento em que o cristianismo se atrofiou no poder e deixou de purificar-se e afeiçoar-se com a constancia na rebeldia.

Hora seria já de acabarmos com com esta lenda; de que a humildade se volvesse arrogante, de que a mansidão tornasse a ofensiva, de que a resignação se fizesse reivindicadora.

Hora seria já de que o anjo rebelde caído pela sua revolta contra a humildade e a resignação contra peasse os intrusos da religião, morada da plebe irredimida, simbolo da humildade e da servidão e nada mais.

A logica de Satanaz, a rebeldia contra a humildade e servidão nos dará o bem-estar e a felicidade que não nos tem dado o cristianismo.

NO BRASIL

A Confederação Operaria Brasileira e o Centro Estudos Sociais do rio de Janeiro, organisa hoje um comicio pro-paz, em que usará da palavra ativos militantes do movimento operario e anarquista.

1.º de Maio

O dia de hoje não é nem póde ser um dia de festa como pretendem os socialistas, mas sim um dia de protesto em que se recordam todos os martyres da burguesia sanguinaria que para melhor futuro da humanidade verteram o seu sangue generoso.

Foi neste dia que ás ordens da burguesia capitalista foram massacrados na republica norte-americana os nossos irmãos em sofrimentos, e condenados á morte cinco trabalhadores por praticarem o grande crime de levantar bem alto a sua voz de emancipador em prol da liberdade e das reivindicações sociais.

Este monstruoso crime que ainda hoje está gravado na memoria de todo o proletariado consciente, veio mais tarde a provar-se ter sido cometido com o fim de apagar a labareda anarquista que se ateava extraordinariamente no seio dos trabalhadores e cujos principais propagandistas eram aquelles heroicos camaradas.

Mas a semente lançada á terra e regada com o sangue dos martyres, continua germinando nos cerebros do proletariado; e, em breve temos que lhe colher os frutos, que será a queda da sociedade capitalista com os seus crimes, substituindo-a pela sociedade sem reis, nem presidente, quer dizer sem fronteiras, em que a religião catolica, coisa abstracta e misteriosa, que só embrutece o cerebro do povo, será substituída pela Religião do Amor e da fraternidade, baseada nos seus principios da Anarquia.

UNião Anarquista da Região do Sul

Esta organização que tão brilhantes serviços está prestando á causa anarquista, á emancipação dos trabalhadores, continua espalhando por toda a região do sul a sua esfera de acção e propaganda, realizando em Lisboa, Setubal e arredores, numerosas sessões, doutrinas e tomando parte em todas as comícios e sessões publicas promovidas pelas organizações operarias, contra a carestia da vida, etc., etc.

A União apela para todos os grupos desta região e aos camaradas não agrupados a inscreverem-se no seu seio, para que resulte mais precifica e eficaz a acção que vem desenvolvendo em prol da emancipação humana. Lembra-se tambem á todos os filiados a necessidade de satisfazerem o pagamento das cotas voluntarias, posto que só assim podemos fazer face ás constantes despesas da propaganda.

A correspondencia deve ser dirigida para a sua sede Travessa Agua de Flor, 25 — 2.º Lisboa.

Nos anarquistas de Coimbra e arredores

Convidam-se todos os anarquistas de Coimbra e arredores a reunirem hoje pelas 11 horas da manha, na Rua Sá da Bandeira, 11, afim de se tratar dum assunto urgente e de maxima importancia para a intensificação da propaganda libertaria.

A comparencia de todos os camaradas que amam sinceramente a ideia anarquista é absolutamente necessaria.

A Aliança-Anarquista

“A VOZ DA RAZÃO”

Periodico anarquista. Órgão da Juventude Libertaria. Aparece hoje REEACAO Travessa Agua de Flor, 55-1.º LISBOA

TRAÇOS DE FOGO

A duplicidade das leis

Arrojadas ás faces hiantes desse Moloch insaciavel que é a guerra, tem desaparecido a florida juventude de todas as nações em luta. Nessa carnagem horrivel hão sido imolados os proletarios que cegos por preconceitos e atavismos se prestaram a servir os interesses dos seus verdugos, a fortalecer o pulso que os detem, a engrassar as cadeias que os tem presos á corrente ferrea da tirania capitalista.

Milhares hão caído varados pelas balas. Exercitos, uns após outros são destruídos, fornecendo aos corvos banquetes de Luculo.

Abyssum, abyssus invocat. Os cadáveres clamam vingança, a vingança morte. E nos campos da batalha, como num quadro celebre dum emerito pintor a Morte é o general comandante de todos os ezercitos em luta.

E preciso pois suprir os colhidos pela foice sinistra. Para isso o kaiser da Alemanha, lembrou-se de organizar um ezercito com todo o ezistente nas cadeias: assassinos, violadores, ladrões, incendiarios, toda a fina flor da criminalidade.

Todos quantos hontem a Lei havia julgado criminosos, dignos de censura pela sociedade inteira, vão poder hoje ao abrigo dessa mesma Lei, repetir identicas façanhas: assassinar, violar, roubar e incendiar.

E, coisa extraordinaria, a mesma Lei que ontem os julgava criminosos, dignos de censura pela sociedade inteira, os ha de, hoje, julgar erois, e dignos de louvor por todo o povo.

Bastará, para isso, que sejam grandes assassinos, ladrões e incendiarios; segundo a vontade do senhor Postadam.

Então em vez do carcere, terão quicó uma estatua nalguma praça publica onde a multidão os venerará.

SATAN

DO NATURAL

Senhor! amo a sua filha!

A minha filha...

Sim, e se for de sua vontade, casarei com ela.

Mas, como quer você que eu consinta se não tem meios de fortuna?

Senhor eu lhe explico:

Sou operario, mas sou trabalhador, não pessuo fortuna bem sei, mas tenho outros dotes que valem mais que o dinheiro, sou honesto e não vicioso...

Perdão, minha filha não poderá ser sua esposa, porque a minha situação é mais elevada.

Sim. O Senhor é detentor da riqueza dos que produzem, e eu uma vitima dos exploradores.

Saia imediatamente de minha casa, que aqui nunca tornará a entrar.

Saio mas fique sabendo se a casa é sua, foi com o produto roubado aos produtores.

CASÉRIO

Como não ser anarquista?

A todos os camaradas que nos tem dirigido pedidos deste magnifico folheto de propaganda somos a dizer que a sua publicação prepara-se para breve. Os pedidos podem continuar a ser feitos á nossa redação.